

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.46221>

Ensaio recebido em: 16/12/2022

Ensaio aprovado em: 24/04/2023

Ensaio publicado em: 26/06/2023

O PROBLEMA DO MAL NAS *MEMÓRIAS DO SUBSOLO*

um olhar sobre a relação entre a maldade, o indivíduo e Deus

THE PROBLEM OF EVIL IN *NOTES FROM UNDERGROUND*

a look at the relationship between evil, the individual and God

Diule Fideles¹

(fidelesdiule@gmail.com)

300

Resumo: A partir da obra *Memórias do subsolo* do escritor russo Fiódor Dostoiévski, foi estabelecida uma conexão entre a obra literária e questões filosóficas levantadas pela mesma. Tendo em vista que tal obra de nosso autor nos permitiu refletir e investigar problemáticas sobre o mal, a prática dele levando em conta que o indivíduo tem consciência e livre-arbítrio e, por fim, como isso se dá quando se presta contas a uma figura divina, são identificadas e discutidas as questões filosóficas trazidas pela obra por meio de seu personagem principal. Além disso, deixa-se em aberto o debate a respeito desses mesmos problemas em obras posteriores do autor.

Palavras-chave: Memórias do subsolo. Dostoiévski. Mal. Liberdade. Deus.

Abstract: From the work *Notes from underground* of the writer Fyodor Dostoevsky, has been established a connection between the literary work and philosophical questions raised by it. Considering that such work by our author allowed us to reflect and investigate issues about evil, its practice taking into account that the individual has conscience and free will and, finally, how this happens when he is accountable to a divine figure, the philosophical questions raised by the work through its main character are identified and discussed. Furthermore, the debate about these same problems in later works by the author is left open.

Keywords: Notes from underground. Dostoevsky. Evil. Freedom. God.

INTRODUÇÃO

Sempre que o assunto é filosofia e literatura parecer estar subentendida a necessidade de justificação do porquê abordar uma obra literária para tratar de filosofia. Pode-se argumentar

¹ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. Graduada em Filosofia pela mesma instituição.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6439909160936627>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3883-1814>.



que já temos livros o suficiente de filosofia para falar dela mesma, por que então se utilizar de uma narrativa fictícia? Começaremos então definindo de forma negativa: não é porque obras literárias são menores e para serem elevadas precisam da filosofia, também não é porque a literatura rouba ou pega emprestado conceitos filosóficos para seu bel-prazer. É preciso deixar claro que a forma e o conteúdo literário se defendem sozinhos. Isto posto, aqui utilizamos uma obra literária para falar de filosofia porque, na Rússia do século XIX, talvez os literatos tenham sido os que colocaram de maneira mais eficaz e instigante as questões filosóficas sobre a relação do indivíduo com o divino, e como isso é perpassado pelas noções de mal e liberdade.

Esta é nossa questão, nosso escritor é Fiódor Dostoiévski e nossa obra é uma novela que se chama *Memórias do Subsolo* (1864), especialmente a primeira parte da mesma. Obra essa em que nosso personagem principal e também nosso narrador, o homem do subsolo, além de ser uma figura desagradável, zomba daqueles homens que se submetem inteiramente as leis da natureza com o objetivo de alcançar certa harmonia em sua alma e em sua vida social. Para nosso narrador isso é simplesmente autoengano e ele recusa a se subordinar à natureza.

301

Meu Deus que tenho eu com as leis da natureza e com a aritmética, se por algum motivo, não me agradam essas leis e o dois e dois são quatro? Está claro que não romperei esse muro com a testa, se realmente não tiver forças para fazê-lo, mas não me conformarei com ele unicamente pelo fato de ter pela frente um muro de pedra e de terem sido insuficientes as minhas forças. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 25)

O homem do subsolo é mostrado como alguém que teria conhecimento da essência do indivíduo, por isso não se deixaria enganar pela promessa de harmonia e supostos bens efêmeros, quando a essência do mundo e do ser humano é cheia de horrores. Dessa forma diz Pareyson sobre as *Memórias*:

Não dão lugar ao culto de verdades nobres e generosas, sublimes e ideais e à edificação do esplêndido “palácio de cristal” do futuro, mas impõem a procura da verdade sem véus, da sinceridade absoluta, da admissão franca e até cruel da realidade do mal e da mesquinhez dos homens, da impossibilidade de fechar os olhos diante da pecaminosidade e do sofrimento do homem. (PAREYSON, 2012, p. 25)

É com *Memórias do subsolo* que se começa a tatear as temáticas de Dostoiévski da autodegradação, da crueldade, das proporções apocalípticas que as narrativas tomam. Mas também da redenção, que está envolta por um contexto de desespero, sofrimento e remorso.



1 DOSTOIÉVSKI E SUAS MEMÓRIAS

Para nos situarmos, estamos aqui diante de um Dostoiévski em sua fase pós-Sibéria, onde foi exilado por dez anos sob justificativa de conspiração política devido a sua participação no círculo de Petrachévski, que era, em suma, um grupo de intelectuais socialistas que se reunia para discutir questões políticas censuradas. Mas antes de ser exilado, participou de um evento que consistia numa falsa sentença de execução pública dos petrachevskistas, ordenada por Nicolau I, czar a época.

Seu tempo no exílio foi de muitas reflexões, como nos conta o biógrafo de Dostoiévski, Joseph Frank, este período o deixou com duas verdades, as quais carregam questões que o atormentaram ainda por muito tempo:

Uma, a de que a psique humana jamais, fossem quais fossem as circunstâncias, abdicaria do desejo de afirmar sua liberdade; a outra, a de que a moral cristã do amor e do autossacrifício era uma suprema necessidade tanto para o indivíduo quanto para a sociedade em geral. (FRANK, 2013, p. 65)

302

Tendo em mente tal acontecimento na vida de nosso autor, vemos que os pensamentos advindos desse episódio se fizeram presentes em suas obras posteriores. Ele volta à Rússia em 1859, e antes de se dedicar mais aos grandes romances que iria escrever - grandes tanto no tamanho quanto em sua relevância literária e filosófica - como *Crime e Castigo* ou *Os Irmãos Karamázov*, Dostoiévski tomou a frente de algumas importantes revistas para os intelectuais de seu tempo. Estavam focadas principalmente em política e literatura. Foi então, na década de 1860, mais especificamente no ano de 1864, que é apresentada ao mundo a obra *Memórias do Subsolo*, que é onde nosso interesse se concentra.

Sabe-se que Dostoiévski, muito além de apresentar ao mundo narrativas fictícias, expõe reflexões e ideias. Porém, ele não é do tipo que nos trará suas ideias organizadas em tratados, ele as personifica, traz à luz por meio de seus personagens, é isso que eles são, nada mais nada menos que ideias. Assim diz Pareyson:

Os heróis de Dostoiévski são “ideias personificadas”, isto é, não temporais e transitórios como indivíduos, nem abstratos e intemporais como conceitos, mas figuras nas quais se unem, indissolivelmente, tempo e eternidade; a eternidade, vista na sua concreta presença no visível, e o tempo, compreendido na sua constitutiva relação com a eternidade. (PAREYSON, 2012, p. 34)



Da perspectiva desta união entre tempo e eternidade, vemos que as questões preocupantes para o homem do subsolo e que o fazem ser quem ele é, não são efêmeras, também não marcadas temporalmente, ainda que se utilize das amenidades cotidianas e situações ordinárias para colocar suas reflexões. Ele quer nos levar a considerar se existe algo mais apreciado pelos indivíduos do que fazer o bem, por exemplo. Esse é um problema que não se resolve numa manhã, é algo que o persegue o tempo todo, e é justamente este tipo de questão que habita o subsolo.

Um primeiro impasse nas *Memórias do Subsolo* diz respeito à demanda do homem do subsolo de afirmar a personalidade e a individualidade do ser humano por meio das decisões que toma. Portanto, considera-se aqui uma pretensão de liberdade, o que nos leva a cogitar duas faces da mesma. Partindo da perspectiva de Dostoiévski na qual, uma vez que se sabe o que é o bem, a liberdade nos permite praticá-lo ao mesmo tempo que também torna possível a prática do mal, neste ponto moram suas duas faces. Mostra-se então este grande problema, que é o exercício do livre-arbítrio num contexto em que a individualidade é muito valorizada. Percebe-se que a dedicação em pensar no “si mesmo” e tomar as decisões baseadas somente nisso, faz com que o egoísmo se sobressaia nas *Memórias*, sendo levado às últimas consequências. Em vista disso, nos deparamos aqui cercados pela problemática do mal sendo feito de forma racional, pensada. Do sofrimento sendo provocado intencionalmente, até mesmo aquele que atinge a si próprio.

O que nos faz lembrar, em um contexto moderno, do pensamento de Kant a respeito do mal radical que, grosso modo, se trata de uma doutrina que visa fundamentar a liberdade moral e incumbir responsabilidade pelos atos que não estiverem de acordo com a lei moral (CORREIA, 2005, p. 85). Para começar a aceitar que o mal não apenas fruto de uma vontade fraca, é preciso reconhecer a impossibilidade de os sujeitos serem universalmente inclinados para o bem, se fosse assim a lei moral não adotaria a forma de um imperativo. Isto faz parte dos conflitos morais do homem do subsolo, ele não está plenamente inclinado para o bem e, de certo modo, não se conforma que alguém possa estar.

O homem do subsolo vive em agonia, sem saber direito quem é, e se apresenta em contraposição ao homem de ação. Este homem de ação é alguém com poucas angústias, não é um grande sofredor e é caracterizado como estúpido. Nesse sentido, vemos no homem do subsolo alguém que busca o mal de certa forma, e principalmente o sofrimento, sob a justificativa de que assim se torna possível a consciência de que o indivíduo é desperto pelo martírio. Portanto, podemos enxergar nisso um ideal cristão de que a



salvação vem pelo sofrimento. As *Memórias* não é a obra em que Dostoiévski vai falar mais claramente sobre Deus, fé e cristianismo. Mas ele parece mostrar sua visão religiosa sem dizer diretamente aqui, colocando neste homem um modo de viver e pensar no qual ele é avivado pelo sofrer. O que coloca a obra num posicionamento cristão, se pensarmos que a redenção está mais próxima para os sofredores.

O que todas essas ideias de nosso autor têm em comum, talvez seja que cada uma suporta problemas que o angustiaram durante toda a vida. Logo, se tratando dos personagens de Dostoiévski, o homem do subsolo não foge à regra, então é assim que o trataremos, como uma ideia atormentadora, não como se carregasse uma questão, não olhando de uma maneira de acordo com a qual a ideia possa estar fora deste homem. Mas ver a sua existência em seu mundo de modo que ele próprio seja um dilema nesse mundo. Bakhtin, inclusive, nos fala em *Problemas da Poética de Dostoiévski* que é quase como se a ideia se tornasse o herói da história, que o discurso do herói é sobre si mesmo enquanto também é sobre o mundo (BAKHTIN, 1999). Assim como é quase tudo em Dostoiévski, os lugares e pessoas dificilmente têm apenas seus sentidos literais, a própria Rússia aparece quase como se fosse uma espécie de entidade, um solo espiritualizado, não é visto apenas como um lugar físico no planeta Terra.

304

2 O PROBLEMA OU A SOLUÇÃO QUE É A LIBERDADE

Antes de se ocupar precisamente do mal e de Deus, falaremos sobre liberdade, que não deixa de ser um problema teológico, mesmo antes de ser ético-moral. Liberdade aqui especificamente associada ao ato livre, a ação praticada levando em conta apenas si mesmo, que é algo muito valorizado pelo homem do subsolo, o individualismo, tanto é assim que não é segredo que o egoísmo prevalece nas *Memórias*, Joseph Frank aponta justamente isso:

No final, o egoísmo triunfa em *Memórias do Subterrâneo*, expressando assim a aceitação por parte do autor de um universo de crueldade, dor e sofrimento que nenhuma perspectiva moral definitiva pode racionalizar ou justificar. Para Chestov, a essência da obra está contida na declaração do homem do subterrâneo: “Pode o mundo cair em pedaços, desde que eu possa tomar meu chá todo dia” [...]. (FRANK, 2013, p. 429)

Talvez este egoísmo exacerbado, esta autoafirmação elevada à décima potência, tenha suas raízes fincadas na plena consciência que o homem do subsolo



tem da sua própria liberdade e no valor que dá a sua individualidade. Porque antes de se apoiar em qualquer coisa, seja em Deus, seja na razão, seja no Estado, ele parece se apoiar em si mesmo e fazer de tudo para preservar isso que chamamos “si mesmo”. É precisamente neste ponto, na manutenção do que lhe é individual, que o personagem toca quando fala sobre o sentido de desejar para si mesmo algo ruim, nocivo, vemos que não se trata de tomar a decisão mais inteligente, que preserve sua integridade física e psicológica, se trata de querer ser livre.

[...] Mesmo no caso de nos trazer um prejuízo evidente e de contradizer as conclusões mais sensatas da nossa razão, a respeito de vantagens; pois, em todo caso, conserva-nos o principal, o que nos é mais caro, isto é, a nossa personalidade e a nossa individualidade. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 42)

Entende-se liberdade aqui como princípio puro, no sentido que não há nada que a preceda, que a gere, ela tem origem nela mesma. Logo, pressupõe-se que ela veio do nada, pois se ela é princípio puro e tudo veio dele, ela só pode ter vindo do nada. Então, o começo de tudo veio do nada, ou seja, do não-ser (PAREYSON, 2017, pp. 57-59). Portanto, a afirmação da liberdade já traz consigo a possibilidade de sua negação, e é neste lugar que reside sua relevância, na constatação de que ela existe sempre considerando que poderia voltar para o não-ser de onde veio. Pensar que a “terra natal” da liberdade é o não-ser, nos traz uma ideia de contingência, o que é no mínimo curioso e aparentemente contraditório. Porque, como algo de existência supostamente contingente, que poderia existir ou não, é necessário para qualquer escolha que nós, seres humanos, fazemos? Esta pergunta pode parecer capciosa e não muito fácil de responder, porém não é nosso objetivo respondê-la, ela está aqui para pensar na grande importância da liberdade mesmo com suas supostas ambiguidades e dualidades.

Pois, mesmo que as decisões dos indivíduos se fundamentem em algo que pareça um tanto quanto volúvel, a liberdade ainda é o que temos de mais primordial, nem nosso raciocínio a ultrapassa, afinal, é possível fazer uma escolha apenas baseada no desejo, assim proferiu o homem do subsolo:

De fato, se a vontade se combinar um dia completamente com a razão, passaremos a raciocinar em vez de desejar, justamente porque não podemos, por exemplo, conservando o uso da razão, *querer* algo desprovido de sentido e, deste modo, ir conscientemente contra a razão e desejar aquilo que é nocivo a nós próprios... E visto que todas as vontades e todos os raciocínios podem ser realmente calculados- pois algum dia hão de se descobrir as leis do nosso suposto livre-arbítrio -, então, deixando-se de lado as brincadeiras, será possível elaborar uma espécie de tabela, e nós passaremos realmente a desejar de acordo com esta. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 40)



Vemos então que a liberdade vem antes mesmo da razão, pois eventualmente a ação pode ocorrer de acordo com aquilo que se deseja, mesmo que o desejo seja de algo nocivo, e o que permite com que a ação ocorra é justamente a tal liberdade. Que pode se expressar de várias formas, dentre essas formas há a que opta pelo mal:

Há a liberdade que prefere o mal: e essa é a liberdade do homem. Não que seja a liberdade perdutora como “essência” do homem, não: é a liberdade que historicamente se verificou no homem. A primeira escolha que o homem fez foi a da liberdade negativa, a liberdade do homem que desde o início se nega e se perverte. (PAREYSON, 2017, p. 59)

Portanto, ainda que liberdade, desejo e razão não estejam alinhados, a primeira parece sempre prevalecer, porque acima de tudo, já viemos ao mundo sabendo que podemos escolher. A criança não tem todas as faculdades da razão desenvolvidas, mas ela consegue escolher simplesmente baseado no que quer, no que deseja, e caso não haja um adulto para limitá-la, o risco de escolher algo que lhe cause um dano é maior. O que deixa a razão em segundo plano.

Mesmo os sentimentos, que é comum dizer que não os controlamos, vemos em nossa obra que o personagem quer submetê-los a sua liberdade. No sentido de que todas as coisas que limitem a expressão da individualidade são excluídas e, em certa medida, por vezes são condenadas. Como acontece com o amor, o qual é visto como um sentimento que permite que aquele que ama seja tiranizado por outro, ainda que seja um sentimento majoritariamente benéfico, assim afirma o homem do subsolo:

[...] Eu não podia mais apaixonar-me, porque, repito, amar significa para mim tyrannizar e dominar moralmente. Durante toda a vida, eu não podia sequer conceber em meu íntimo outro amor, e cheguei a tal ponto que, agora, chego a pensar por vezes que o amor consiste justamente no direito que o objeto amado voluntariamente nos concede de exercer tyrannia sobre ele. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 142)

Está claro que ao falarmos de liberdade, estamos trabalhando com a perspectiva de Pareyson, que a coloca como dual, liberdade positiva e negativa, que são duas, mas são a mesma, são apenas pontos de observação diferentes de um mesmo conceito (PAREYSON, 2017, p. 402). Quando se fala de liberdade ligada ao bem, considera-se que o bem só é bem de verdade quando é feito encarando o mal como possibilidade. O homem do subsolo nos apresenta tal dualidade, agindo bem ou mal, ele sempre considera o outro lado, e nessa perspectiva podemos considerar que, quando "faz o bem", o faz inteiramente,



ou seja, um bem que foi genuinamente escolhido, pois ele tem conhecimento de todas as possibilidades, essa espécie de duplicidade é expressa no seguinte trecho de *Memórias do subsolo*:

Herói ou imundice, não havia meio-termo. Foi exatamente isto que me perdeu, porque na imundice eu me consolava com o fato de ser herói em outra hora, e o herói disfarçava consigo a imundice, como se dissesse: "Ao homem comum é vergonhoso chafurdar na imundice, mas um herói paira demasiado alto para ficar completamente sujo; por conseguinte, lhe é permitida a imundice". (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 71)

307

Em outras palavras: até mesmo o herói está sujeito a fazer parte da imundice hora ou outra. Talvez seja por causa disso que ele siga sendo herói, ele conhece os dois lados e quando age com heroísmo é consequência de sua vontade, assim parece ser um bem livre. Esta suposta contradição é mostrada em vários momentos durante o livro, nos quais ele se apresenta como uma pessoa ruim e se redime em seguida, pois ainda que o bem tenha sido escolhido, faz parte da liberdade ter o mal disponível. Porque, assim como identificamos a liberdade no âmbito do ser e não-ser, positiva e negativa, possivelmente o homem também possa ser compreendido enquanto alguém cujas decisões estão eternamente transitando no campo do ser e não-ser. Como um ser efetivamente dotado de liberdade, pois ela própria está no âmbito do ser mas a qualquer momento poderia voltar para o não-ser.

Além disso, não apenas na pessoa do homem do subsolo é mostrada essa questão paradoxal entre bem e mal. Liza, uma prostituta, a qual se vê que é alguém que carrega certa inocência, até mesmo ela tinha olhos “que sabiam refletir tanto amor como ódio sombrio” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 105).

Quando associamos Deus ao ato livre, se torna mais difícil elaborar uma liberdade que seja negativa, já que a divindade é a escolha do bem, mas a proposta é que olhemos para este outro lado também (PAREYSON, 2017, p. 68). Pois é a partir dessa liberdade, a que nos permite fazer o mal consciente, que o homem do subsolo é muitas vezes explicado.

Aqui o mal vem de alguém que tem plena consciência do bem, portanto não vem da ignorância, não vem de um não saber, vem de um ser racional, então não podemos afirmar que a razão se apresente de modo que encaminhe sempre para o bem. Pois parece que antes de querer o bem, ele quer se afirmar, como já foi dito. Inclusive, é por causa do que foi chamado de sua “consciência hipertrofiada” que ele se encontra preso no “subsolo”, que nada mais é do que sua interioridade adoecida (COSTA, 2019, p. 169). É esta consciência



que o condena a uma luta constante dentro de si, entre o que é certo e o que se deseja, entre determinismo e livre-arbítrio, tal conflito interno é expresso desta forma: “Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é “belo e sublime”, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 19). Ou seja, a briga constante de sua vida interior é tão intensa e desarmoniosa, que as ações têm causas inversamente proporcionais, quanto melhor ele sabe do bem, mais do mal ele pratica. Ocorre dessa maneira simplesmente porque ele pode, porque tem escolha. Um grego antigo sabia do bem e o fazia, o mal era fruto de ignorância, aqui não, ao indivíduo moderno é permitido saber “do belo e do sublime”, e ainda assim agir contra ele. Em diálogos de Platão como o *Mênon*, por exemplo, nos é mostrado que desejar o bem é parte da natureza humana, pois ninguém iria querer coisas más (78b), em *Memórias* vemos que Dostoiévski vai completamente contra esse raciocínio tradicional onde o mal não faria parte dos desejos dos sujeitos.

3 DEUS E O INDIVÍDUO

308

A conexão com Deus neste contexto começa pelo fato do próprio Dostoiévski pensar que o ser humano só pode ser entendido enquanto objeto religioso. Vamos considerar Deus como já dado, pois o objetivo não é questionar sua existência ou não existência. Trata-se aqui da ideia de Deus, uma vez que estamos inseridos no mundo dostoiévskiano, onde a discussão está quase sempre em torno da divindade, especialmente em obras depois do exílio. Frei Mateus já anuncia: “o problema que preocupa seus heróis é o mesmo problema que atormentou a vida toda de seu criador: o problema de Deus” (ROCHA, 1970, p. 40).

Parece que a união entre humano e divino se dá também pela liberdade, afinal são duas instâncias igualmente duais, no sentido de que neles estão presentes a duas faces da liberdade que falamos, a positiva e negativa. No que diz respeito a liberdade divina, enquanto princípio puro e enquanto escolha, dizer que Deus existe é dizer que o bem foi escolhido, no entanto, mal e Deus só se afirmam ao mesmo tempo. Pois já vimos para o bem ser plenamente bem, o mal precisa ser possível, para que a escolha e a liberdade ajam neste momento.

A escolha do bem se identifica sem resíduos com o repúdio do mal e com a vitória sobre o nada, e em Deus o mal e o nada permanecem como possibilidade colocada à parte, inatual, inoperante,



dormente, mitigada, latente, mas não por isso menos inquietante, na afirmação divina, o mal é uma possibilidade não realizada, aliás, excluída para sempre, que permanece (mesmo se latente e mitigada no abismo divino) não como realidade, mas sempre como uma possibilidade, disponível (PAREYSON, 2017, pp. 65-66).

Logo, a escolha do bem pressupõe que o mal não foi escolhido, mas vencido, entretanto, ele segue como possibilidade quando se trata de liberdade. É justamente nessa ambiguidade que se cruzam Deus e indivíduo.

Com a liberdade, ganha-se o poder de se rebelar contra Deus, contra a natureza, contra a razão, e nosso personagem o faz. A humanidade ganhou de Deus um peso ao ser livre, e o homem do subsolo sabe disso, senão ele não questionaria a natureza, ou as leis da aritmética e ainda afirmaria, de maneira prepotente, o quão difícil é ter consciência de sua própria liberdade. O homem do subsolo faz o que faz porque sua escolha, tal qual a de Deus, é tida como livre e plena tanto positiva como negativamente. Porque quando se trata de liberdade, falamos de condições iguais tanto para o bem, como para o mal, pois “o fato é que a liberdade do Cristo é como a dos demônios: ilimitada” (PAREYSON, 2009, p. 402).

309

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com Dostoiévski é sempre bom ter certeza de que uma interpretação não se esgota e que as afirmações feitas aqui certamente não são as únicas possíveis. Há muito mais das *Memórias* que ainda se pode procurar entender e analisar, há ainda mais de outras produções de Dostoiévski que conversam muito com o subsolo. Foi possível capturar algumas questões que nos colocam para pensar na liberdade dos sujeitos e na relação dela com o mal e a figura de Deus.

Os “personagens-ideias” de nosso autor tem muito a nos mostrar literária e filosoficamente. *Memórias do subsolo*, apesar de ser um livro que não teve o devido reconhecimento em sua época é uma das obras mais importantes deste russo a quem nos reportamos. Ela nos dá um primeiro contato com uma série de problemáticas que seguirão sendo relevantes para Dostoiévski pelo resto de sua produção literária. Problemáticas que nos interessam para a investigação filosófica por se tratar de conceitos muito falados por nós, tais quais liberdade, mal e religião. Pois é como Berdiáiev diz sobre Dostoiévski: “talvez



a filosofia lhe ensinou pouco, mas a filosofia tem muito a aprender com ele” (PAREYSON, 2012, p. 32).



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Problems on Dostoevsky's poetics (Theory and history of literature; v. 8)*. Minneapolis: University of Minnesota, 1999.
- CORREIA, A. *O conceito de mal radical*. Trans/Form/Ação. Vol. 28, Nº 2, pp. 83-94, 2005.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. 6ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- FRANK, Joseph. *Dostoevsky: The Stir of Libertation, 1860-1865*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1986.
- LEATHERBARROW, W. J. *The Cambridge Companion to Dostoevskii*. Cambridge University Press, 2002.
- COSTA, Mariana Lins. *O herói niilista e o impossível além do homem: uma investigação filosófica do romance Os demônios de Fiódor Dostoiévski*. São Paulo: Editora Clandestina, 2019.
- PATTISON, George; THOMPSON, D. O. *Dostoevsky and the Christian Tradition*. Cambridge University Press, 2001.
- PAREYSON, Luigi. *Dostoiévski: Filosofia, Romance e Experiência Religiosa*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez e Sylvia Mendes Carneiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- _____. *Ontologia da liberdade: o mal e o sofrimento*. Tradução de Vinícius Honesko. São Paulo: Edições Loyola: Mosteiro de São Bento de São Paulo, 2017.
- PLATÃO. *Mênon*. Tradução de Mária Iglésias. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ROCHA, Frei Mateus. *O Tormento de Deus*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1970.

